**PRIMEIRAS IMPRESSÕES:**

**DIÁLOGOS SOBRE AFRICANIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

*Erick Henrique Santos Souza[[1]](#footnote-1)*

*Thiago Pereira da Silva[[2]](#footnote-2)*

**EIXO TEMÁTICO:** Gênero, Raças e Cidades

**RESUMO**

O presente relato propõe refletir sobre as potencialidades da ressignificação da temática Africana na aprendizagem dos educandos dos primeiros anos da rede municipal de ensino de Francisco Morato a partir de preceitos norteadores, tal como o amparo da lei 10.639/2003 problematizado num conjunto de aulas referentes à africanidades na infância. O trabalho buscou o desenvolvimento do conhecimento de maneira interdisciplinar entre as áreas do conhecimento de ciências Humanas e o Ensino de Arte.

Palavras-Chave: África; Infância; Criança; Abordagem interdisciplinar.

**INTRODUÇÃO**

A ideia de problematizar a abordagem da lei 10.639/2003 na prática cotidiana do ensino nos primeiros anos do ensino fundamental das escolas EM Paulo Freire e E.M Ulisses teve como motivação inicial a indagação em relação de que maneira o imaginário da criança é condicionado a refletir sobre o continente africano e sua influência na constituição do Brasil no desenvolvimento da sua aprendizagem de ciências humanas e linguagens.

Em primeira analise, ao se tratar de Africanidades com turmas de diferentes anos de aprendizagem no Ensino Fundamental, percebe-se um ponto pacífico rechaçado de senso comum em relação ao que é constituído o continente africano. Porém para entender a percepção da criança nos primeiros anos buscou-se organizar uma sequencia de aulas interdisciplinar entre ciências humanas e Arte. Desse modo, as ações tiveram como objetivo geral compreender e ressignificar as primeiras impressões referentes ao continente africano dos educandos do 1° ano da EM Paulo Freire e EM Ulisses Guimarães a partir de uma abordagem interdisciplinar entre o cotidiano da sala de aula e os preceitos da lei 10.639.

Para a realização da atividade, foi buscado o tempo todo o desenvolvimento do conhecimento de maneira alinhada entre os preceitos de cada área do conhecimento aliado a preceitos da Base Nacional Comum Curricular-BNCC que em primeira análise, foram julgados pelos educadores como dispositivos potencializadores no desenvolvimento do conhecimento dos educandos sem estereótipos chancelando velhos paradigmas referentes a diversas temáticas, tal como o continente africano. A partir disso, ressalta-se que o objetivo deste trabalho foi a análise dos estereótipos na infância sobre o continente africano, nestas circunstâncias, foi considerado crianças entre 5 à 7 anos, ou seja, entre a educação infantil ciclo I e II e ano I do ensino fundamental, pois, entendemos essa fase transitória decisiva para o desenvolvimento desses indivíduos, fase que a criança encontra-se entre o mundo imaginário e o concreto, parafraseando as teorias psicogenéticas de Piaget (1992).

O trabalho é dividido em uma breve fundamentação apresentando os conceitos que subsidiam as indagações iniciais dessa abordagem em sala de aula em que são apontados documentos e teóricos que fundamentam a aplicação da prática. A aplicação prática em são abordadas os percursos percorridos e a possível concretização das hipóteses previamente pensadas na elaboração da atividade, como também na descrição final com as análise qualitativas parciais da atividade proposta aos educandos.

**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Em 09 de janeiro de 2003, o governo federal brasileiro iniciou um passo importantíssimo no sentido das garantias da valorização da cultura e influência dos africanos no desenvolvimento do nosso povo. A lei 10.639/2003 em seu artigo 26-A obriga os estabelecimentos de ensino oficiais e particulares a garantirem o conteúdo da Cultura Afro-Brasileira na formação da nossa sociedade, tal como as contribuições política e econômica que influenciaram na história do Brasil. Ainda segundo a lei o § 2ª diz: ‘Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística, Literatura e História brasileiras’, - salienta-se que quando a lei é direcionada, isto não quer dizer que apenas esses componentes curriculares irão abordar este tema, mas sim todos de maneira transdisciplinar – já no dia 10 de março de 2008 também foi assinada a lei 11.645 que estabelece as mesmas diretrizes da lei anterior, todavia, por fim, acrescenta-se os povos indígenas, obtendo no inciso 2, a orientação da valorização destes povos na sociedade, economia e política, sendo trabalhado em especial pelo Ensino de Arte, Literatura e Historia Brasileira.

Em 22 de dezembro de 2017 com base na resolução CNE/CP nº 2 foi implementada a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), este documento agora norteia a educação básica no Brasil. As competências gerais tratadas no documento em seu terceiro item, aborda as questões relacionadas a valorização das manifestações artísticas e culturais, o item 6 trata da diversidade dos saberes, compreendendo e respeitando-os, obtendo responsabilidade e consciência crítica, já o item 9[[3]](#footnote-3) reflete sobre a empatia e o papel de cidadania quanto ao respeito as diversidades gerais, não direcionando preconceitos de natureza alguma, exercício da criticidade.

As ciências humanas são direcionadas ao reconhecimento do tempo, espaço e movimento, ou seja, o raciocínio espaço-temporal, isto é, levar o indivíduo a reflexão da ação do homem sobre a história e seu espaço e/ou localizações, o que fizemos no passado, no presente e o futuro que esperamos construir, pensar sobre a ética, reconhecer-se com produto de conhecimento, ser protagonista e critico as diversidades, respeitando sempre o bem comum e não priorizando a individualização.

A partir desse contexto, amparando pelos conceitos aqui apresentados, acredita-se que reconhecer, valorizar, respeitar é um dever de cidadania, não somente na formação da nossa população, mas também sobre o mundo (BNCC pág. 353-366 e da 397-415).

Já em relação ao Ensino de Arte, destaca-se que no Brasil durante toda sua história essa área do conhecimento foi pensada de diferentes perspectivas e interpretações. Podem-se destacar três movimentos que representaram historicamente essa abordagem. Destaca-se, por exemplo, a abordagem tecnicista na escola, a partir da LDB 5692 de 1971. Elaborada pela ditadura militar que almejava em sua prática um caráter tecnicista de aprendizagem. Questão que resumiu o Ensino de Arte a mera reprodução técnica e representante de datas comemorativas, tal como parafraseia-se Ana Mae Barbosa (2014).

Em contraposição a essa perspectiva educacional surgiram às escolinhas de Arte, movimento que tinha como premissa o laisse faire*,* dando enfoque à expressão artística das crianças. Sobre isso nos diz Barbosa:

Em 1971, o movimento das Escolinhas de Arte estava difundido por todo o país com 32 “escolinhas”, a maioria delas particulares, oferecendo cursos de artes para crianças e adolescentes, e cursos de arte/educação para professores e artistas (2009, p. 10).

Também dialogando com essa premissa, impulsionada por movimentos internacionais, tal como o DBAE, a educadora Ana Mae Barbosa apresentou uma nova concepção de Ensino de Arte a partir da metodologia conhecida como abordagem triangular, que enfatizaram a produção, análise e reflexão no processo de aprendizagem em Arte.

Mesmo com essas transformações históricas, na contemporaneidade o paradigma em relação ao Ensino de Arte em relação ao seu papel no setor educacional continua sendo questionado, na contemporaneidade ao pensar o Ensino de Arte para a educação infantil é apresentado a BNCC (2017, pág. 193-204) que desmembra as linguagens artísticas nas áreas de Música, Dança, Teatro e Artes Visuais. Nesse sentido o documento conduz a ideia de que as diversas culturas, o pluralismo de ideias e as diversas linguagens - oral, escrita, ilustrada, etc - favorecerá o reconhecimento e a relação entre elas. A ideia é garantir as competências gerais no que tange a produção ou o protagonismo de seus conhecimentos, uma visão centrada no aluno, focando no desenvolvimento da alfabetização e letramento.

A partir disso, ao se pensar no caráter técnico da Arte e dialogando com os teóricos já mencionados, acredita-se que o Ensino de Arte na Educação Infantil pode contribuir com o desenvolvimento motor e o arcabouço imagético da criança a partir de sua expressão através de traços seu primeiro contato com o mundo. Corroborando com tais potencialidades em relação a essa área do conhecimento, contribuem com essas análises prévias como, por exemplo, o potencial estético do Ensino de Arte ao contribuir com o contato da criança com temáticas sociais que ao longo do tempo necessitam ser ressignificadas. Tal como as percepções prévias em relação a África.

**DESENVOLVIMENTO**

Para a execução da proposta, foi elaborado um planejamento de aula interdisciplinar entre o conteúdo disciplinar de história e geografia em diálogos com a disciplina de Arte. Como abordagem inicial, foi indagado aos educandos dos 1° anos, seu conhecimento prévio em relação ao continente africano e suas referências após uma breve *brainstorm* em relação às diferentes percepções do continente africano, o ponto de partida foi qual hipóteses as crianças tinham referente a elementos que compõem o continente africano, a partir desta ideia, foi proposto uma aula em que as crianças expusessem suas ideias sobre tal problemática, tal como é apresentado na fig. 1

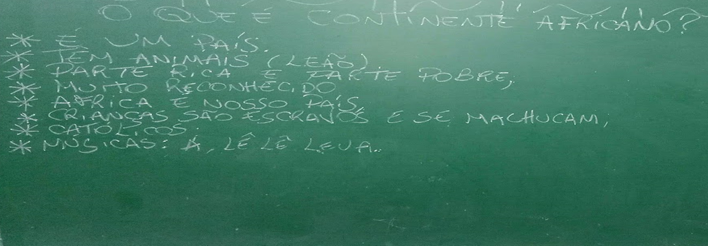


Figura 1 Foto tirada em 01/11/2019 (E.M. Dr. Ulisses Silveira Guimarães).

Pode-se observar que as crianças possuíam algumas hipóteses sobre o que é o continente africano, alguns alunos disseram que o continente é um país, outros que possuem muitos animais, destaca-se também a percepção do educando em relação a dicotomias referentes a riquezas e pobrezas no continente, questão que até então, não havia sido previamente discutida de que a África existe quando pedimos uma explicação sobre a questão, o aluno utilizou a lousa como base dizendo: “Professor é só dividir a lousa em duas partes, lado esquerdo os pobres e lado direito os ricos, é assim (...)”.

A análise do aluno demonstrou um caráter reflexivo fora do comum por parte do educando, a partir daí, outros afirmaram que esse continente é reconhecido pelo mundo inteiro, outros disseram que ele fica dentro do território brasileiro, outros foram para a discussão onde as crianças são escravas e não possuem direito do brincar, então questionamos sobre o direito de brincar, as crianças disseram que toda criança deve brincar, por conta de ser divertido e não trabalhar, por fim, trouxeram a relação musical em que os elementos da repetição vêm de origem africana, então foi questionado sobre o samba brasileiro, os alunos disseram que o samba é brasileiro mesmo e que na África possui outras músicas que fazem o “laiá”, esses elementos para eles são originários do catolicismo questão que aparentemente só reintera a presença do sincretismo no dia-a-dia dos educandos, mesmo afirmando que só existia na África o continente Africano.

No momento seguinte sugerimos aos alunos a música do grupo musical Mundo Bita Viajar pelo Safari. A partir da ideia da música, foi proposto que as crianças realizassem uma ilustração sobre qual era a visão delas sobre esse continente, com base naquilo que eles levantaram como ideia anteriormente e com a base da música. O resultado foi exatamente os estereótipos sobre a África, fizeram animais como leão, zebra e leão que foram os mais utilizados, inclusive uma das crianças questionou se nesse local havia seres humanos ou somente animais irracionais.

Resultados e Discussão

Foi possível perceber ao longo do trabalho que os desenhos referentes ao continente Africano como suposição inicial, perpassaram pelo senso comum e os desenhos referentes a África se resumiram em retratações de selva e savana, como ilustrações de animais e estereótipos de indígenas.

Já no segundo encontro realizado em uma das escolas, ainda foi conversado com os sujeitos da pesquisa sobre a temática, foi desenvolvida uma leitura coletiva do livro de dois exemplares da série Africanidades, em que foi apresentada a influência da África na cultura brasileira. Após o diálogo, foi proposta aos educandos uma brincadeira tradicional conhecida como Escravos de Jó. Tal como apresentado pelo autor, a brincadeira da cultura Africana e os educandos já conheciam. O resultado foi satisfatório e após esse momento, foi proposto novamente aos educandos que elaborassem novamente desenhos que representassem o continente africano.

As representações dos educandos perpassaram por duas concepções de imaginário, o primeiro é que após o diálogo, os educandos valorizam a concepção das riquezas do continente Africano. A partir disso, houve diferentes representações da concepção da riqueza egípcia e sua riqueza cultural.

Outro ponto também enfatizado pelos educandos é a concepção de lazer, alguns estudantes realizaram representações do que a partir de seu imaginário são considerados lazer. Tal como momentos em família como passeios em parques e piscinas.

Desse modo salientamos que os trabalhos não se dar-se-á por finalizado, mas sim, agora será buscada novas abordagens com base sobre o que temos de conhecimento sobre a África, a partir de arcabouços teóricos e artísticos que poderão auxiliar as crianças a criarem uma nova concepção sobre esse continente que tradicionalmente é conhecido como berço da humanidade e ressignificar mesmo que de maneira micro, o meio em que vivem.

**REFERÊNCIAS**

A COR DA CULTURA – Saberes e Fazeres – modos de Fazer. Fundação Roberto Marinho Rio de

Janeiro, 2010 Todos os direitos reservados 1o edição 2010.

http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Caderno1\_ModosDeVer.pdf

BARBOSA, Ana. Ensino da Arte: memória e história. 1°ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

Benedicto, Ricardo Matheus. AS ORIGENS AFRICANAS DA FILOSOFIA GREGA: MITO OU

REALIDADE?

http://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/ricardo\_matheus\_benedicto\_-

\_as\_origens\_africanas\_da\_filosofia\_grega.\_mito\_ou\_realidade%C2%BF.pdf

GABARRA, Larissa Oliveira e. OLHAR COM OLHOS DE APRENDER: RELIGIOSIDADE AFRO-

BRASILEIRA.

http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/MODOSDEFAZER-WEB-CORRIGIDA.pdf

Gomes, Nilma Lino. EDUCAÇÃO, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A LEI No 10.639/03: BREVES REFLEXÕES.

http://antigo.acordacultura.org.br/artigo-25-08-2011

SANTOS, Gilmário Silvio. (UFOP/UNIAFRO) - BUMBA MEU BOI – FESTA, DANÇA E FÉ. Religiões

de matrizes africanas presentes em sala de aula.

SANTOS, Marcio André dos. PRETO, PARDO, NEGRO, AFRODESCENDENTE: AS MUITAS FACES

DA NEGRITUDE BRASILEIRA.

http://www.academia.edu/2629286/Preto\_Pardo\_Negro\_Afrodescendente\_as\_muitas\_faces\_da\_negri

tude\_brasileira

Sodré, Jaime. EXU - A forma e a função.

https://www.passeidireto.com/arquivo/1770624/223\_exu----a-forma-e-a-funcao---jaime-sodre

40

ARTE PLUMÁRIA NO BRASIL, 1980, Brasília: Fundação Pró-Memória, 1980. 78p. ( Catálogo de Exposição).

BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva; SILVA, Renato Araújo da. ÁFRICA EM ARTES. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2015

file:///E:/CULTURA%20AFRICANA%20AFROBRASILEIRA%20E%20INDIGENA/africa\_em\_artes.pdf

LA TAILLE, Yves Joel Jean Marie Rodolphe de; OLIVEIRA, M K; DANTAS, H. Piaget , vygotsky, wallon: teorias psicogeneticas em discussao. [S.l: s.n.], 1992.

1. Licenciado em Artes Visuais Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Professor de Arte na rede Municipal de Francisco Morato, Francisco Morato, São Paulo, Brasil. Contato:erickart45@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Pedagogo pela Faculdade Aldeia de Carapicuíba), Professor da rede Municipal de Francisco Morato, São Paulo, Brasil. Contato: thipersil@yahoo.com.br [↑](#footnote-ref-2)
3. BNCC pág. 9-10 [↑](#footnote-ref-3)